A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 9	Domingo 26 de fevereiro	1893

Dr. Sousa Martins

Vivo, perspicaz, e fallador, com o coração de um bom e o espirito de um combatente, é um homem de talento e de prestimo — duas cousas, que nem sempre andam juntas, e não é de todo raro o andarem desavindas.

Ao lerem esta maneira de definir Sousa Martins, os que mais de perto o tratam, por amizade ou por officio, dirão que tem ella o maior defeito de uma definição, que é não comprehender em si todo o definido.

E dirão bem.

Falta-lhe o adverbio, que intencionalmente destaquei, como termo no qual se encerra a justa avaliação do homem.

Sousa Martins tem *muito* talento e *muito* prestimo. Em bens da intelligencia é um rico, e no uso d'elles um prodigo. Com a bondade do seu coração espalha o bem e faz amigos, com a bravura do seu espirito acrescenta as victorias e multiplica os admiradores.

Com poderosas faculdades e uma larga experiencia, não admira que occupe hoje os culmes da sua profissão. E' porem admiravel que já de ha muito os tomasse, n'uma idade em que a experiencia é pouca, e o entendimento não chegou no seu maximo e pleno vigor.

Deveu isso á fecundação do seu pensamento, e á seriedade do seu estudo.

Tolerada a grosseira comparação, o seu cerebro foi sempre como um estomago rijo e voraz, que de todo o alimento, substancial ou não, tira quanto possa dar em nutrição, e tudo aproveita pela mais completa elaboração.

Factos, leis, e doutrinas, pelo estudo adquiridas, jamais ficaram para elle em noções do exacto alcance, que seus auctores lhes tivessem marcado. O seu entendimento fecundante tirou sempre das noções, por elle aprendidas, novas ideas por elle creadas, e muitas vezes os lineamentos de acreditadas theorias lhe serviram para bases de theorias novas.

Já em estudante o mesmo era. Pensando nos assumptos, e não aprendendo-os só, tendo, alem disso, sobre os condiscipulos a vantagem de possuir a fundo as disciplinas auxiliares, pois que déra a todas ellas a maior attenção e importancia, foi assim que, ao sair da Escola Medica, trazia um diploma com distincções, a certeza de bom futuro, e os applausos affectuosos dos que, por serem professores, eram os profetas da sua classe.

Na realização d'esse futuro, que veio a ser a merecida fama da actualidade, o talento e o trabalho deram-lhe a victoria nos concursos, e a conquista dos logares que exerce, sem benevolencias nem protecções, que a sua independencia repelliria.

Pode dizer-se que foi elle o pai de si mesmo, tanto mais que aquelle, que o gerou, finou-se deixando-o com apenas tres annos de idade e o so amparo de sua mãe, uma santa senhora ha pouco fallecida, que foi, é, e será o grande fanatismo de toda a sua vida.

A superioridade de Sousa Martins ostenta o mesmo intenso brilho no clinico, no professor e no artista.

Em todas estas qualidades predomina o caracter de um luctador, a quem dirige uma san rasão, e a quem anima uma viveza tal, que ás vezes nos parece vermos

cruzarem-se em vertiginoso remoinho as centelhas, de que se compõe.

Como clinico, é o medico do tempo presente.

Na medicina actual está-se dando uma reviravolta da opinião, e tem de mudar para a opposta a crença geral de que é mais facil ser medico do que cirurgião.

Hoje, que uma sciencia nova — bacteriologia — desembrulha o principio das doenças do mysterio e da incerteza, que obrigavam o medico de outras eras a denominal-o o *quid morbificum*; e já nos mostra a forma material do microbio e quasi nos faz ver as fermentações, pelas quaes elle se alastra; hoje, que, por essa nova revelação, a pathologia se refunde e a therapeutica se innova, se por um lado o cirurgião vê serem bem succedidas as grandes mutilações, e asseguradas as curas pelos modernos curativos, sem maior dependencia da habilidade operatoria, o medico vê, por outro lado, faltar-lhe o apoio das regras classicas, e já não pode ater-se á experiencia do passado, nem descançar a consciencia sobre o que, ainda ha pouco, se chamava a medicina orthodoxa.

Á cabeceira do enfermo, tem o clinico do presente de meditar mais do que antes meditava, e contar comsigo mais do que até aqui contava, por isso que lhe falta o soccorro da sciencia tradicional, o estranho auxilio de um sabio empirismo.

N'esta difficil medicina é Sousa Martins um habil, e a todos os habeis se avantaja como luctador, porque nunca lhe falta um recurso, de que lance mão, quando, pela maxima gravidade dos casos, já os outros se desalentam.

Como professor, é dos primeiros e notabilissimo.

Penetrante, instruido, e eloquente, não se limita a expôr o que, na phrase consabida, está adquirido para a sciencia; critíca os factos e os systemas, aclara com o seu engenho o que, sendo real, seja obscuro, e como que aquece com o seu proprio ardor o estudo dos discipulos, que todos o adoram.

Como artista, é um orador, um verdadeiro orador, alguma cousa mais do que o homem que falla bem.

É n'uma discussão, em que tenha contraditores, e, sobretudo, quando algum d'elles cae na imprudencia de o beliscar, que o pensador eloquente se transforma em fogoso orador.

N'um momento os movimentos buliçosos da sua natureza inquieta desapparecem na postura firme do combatente em guarda, a graça maliciosa do conversador alegre absorve-se na tensão mantida sobre o ponto controvertido, o olhar fita os outros mais de cima, a voz avoluma-se mais sonora, a palavra é, por assim dizer, brandida rapidamente em botes certos e seguidos, e por entre os triumphos da sua ideia... era uma vez um adversario!

Já viram, á beira de um caminho, um arbusto virente e vaidoso, que parece dizer a quem passa: — aqui estou eu que sou formoso, floresço e dou sombra?

De repente toldam-se os ares, da nuvem negra, que se approxima, pingam umas gotas frigidas, e logo depois cae sobre o petulante o granizo, que o bate por todos os lados, reduzindo-o a um graveto, lascado, torcido, sem uma folha só!

Tal é n'uma discussão, em que entre Sousa Martins, a sorte do contrario, que o estimula.

A politica pretendeu arrebatal-o, e a Antonio Rodrigues Sampaio, que não era um ingenuo em conhecer e apreciar homens, sorriu a ideia de o levar ao parlamento, sabendo bem a força, que daria a um partido tão estrenuo argumentador. Sousa Martins resistiu, e os seus amigos regosijaram-se.

Perdeu-se um tribuno celebre, que não lograria livrar-se de ser inutilisado e espalmado nas talas d'essa intriga, a que se chama a politica portugueza, mas ficámos com o medico prestante, de quem se não póde dizer que não salva o paiz, visto que salva os seus cidadãos.

Quem, sem o conhecer, o visse e ouvisse pela primeira vez, quando n'elle se incarna o demonio da eloquencia, pensaria ter ante si um cruel, um desapiedado, um atrabiliario!

Como o cavalleiro antigo, que de generoso, terno, e galanteador, se transmutava em leão feroz, quando descia á estacada pela sua dama, ou sahia a campo pela sua patria, Sousa Martins, disvelado para a familia, affectuoso para os amigos, meigo para as creanças, e caricioso para as suas aves e as suas flôres, que elle observa, acompanha e protege em seu viver, levanta-se e esforça-se tambem por um guião, que segue — o da sciencia — e por uma dona, que ama apaixonadamente — a verdade.

Na defeza d'esta sua estremecida namorada, não recua, não cede, não se abate, por mais arrogante que seja o contendor, por mais gloriosos que sejam os mantenedores das justas.

Sempre assim o viram todos, e bem novo o mostrou elle, em scena mais vasta e grandiosa, quando, para honra sua e nossa, foi representar Portugal ao Congresso de 1874 em Vienna d'Austria.

Tratava-se de uma importante questão, ao mesmo tempo medica e internacional, deliberavam os doutores de reputação universal — os que dão a lei em hygiene — eram grandes as responsabilidades, encontrados os interesses dos Estados, grave o momento de elles se precaverem contra a cholera, e delegados havia que levavam instrucções secretas e voto imperativo.

Em uma das sessões levantou-se um principe da sciencia e sustentou um absurdo. Ninguem o acceitaria mas todos emmudeciam diante da acatada auctoridade. O medico portuguez insurgiu-se, e, assim como na liça

antiga clamaria: — por Deus e a minha dama! — invocou o saber e a verdade, e combateu o gigante.

O absurdo não passou.

Mas, com muita pena de nós outros, que tanto gostamos de o ouvir nos raptos eloquentes do seu discursar, quando n'elle se agita o genio vingador, que o leva, impelle, e arrasta até á anniquilação do adversario, não se repetem muito as occasiões, são raros esses lances, e cada vez mais raros os vae tornando a prudencia dos ameaçados.

E entretanto as centelhas, de que fallei, accendem-se, crepitam, e reunem-se na chamma viva, que forçosamente tem de consumir ou consumir-se. O que vale é que o progresso vae produzindo sempre descobertas da sciencia e manifestações da arte, e Sousa Martins, constante paladim do bom, enthusiasta do bello, e sempre fiel aos amores, que denunciei, exalta-se pelo bom, pelo bello, e pelo verdadeiro, a cada nova e grande descoberta scientifica, a cada nova e grande manifestação artistica, e então préga aos amigos, louva os enthusiasmados, e apostropha os frios, fazendo saltar aos olhos de todos, que a ferocidade do leão, quando acorda e se mostra, é uma elevação dos seus dotes, e não um desafogo do seu temperamento.

É então que todos nós o entendemos bem, e mais amamos esse coração de ouro liso, no qual se espelha um espirito de luminosa claridade, sem que deixemos de desejar — oh! maldade atroz do mais impenitente egoismo! — que um contraditor lhe appareça.

Eis aqui porque tão distincto portuguez tem ganho affectos, respeitos, e popularidade.

M. BENTO DE SOUSA.

No proximo numero, o medalhão do Conde de Sobral. Artigo do Conde de Ficalho.

POLITICA SEM POLITICA

Ha dois ou tres dias a esta parte, notou-se que os srs. Correios de Secretaria, e respectivos ginetes, já não cavalgavam donairosamente junto aos mesmos *coupés*, e que dentro dos vehiculos que elles profissionalmente ladeiam se não incluim já os mesmos conspicuos personagens.

Effectivamente, o ministerio cahiu, e o gabinete, *estylo simplice* José Dias, foi substituido pelo da *ordem composita* Hintze-Franco-Fuschini.

O que é este novo ministerio?

Tem liga, disse o sr. Cazal Ribeiro.

Tem, replicou o sr. Hintze Ribeiro, mas tambem tem corôa. É como as boas moedas, a que a liga dá brilho e a corôa authenticidade.

Temos, pois, que, segundo a definição do proprio governo, elle tem brilho e authenticidade. Mas, sem o desconhecermos, o que importa agora é que elle tenha mais alguma cousa.

Ha ligas e ligas. Ha ligas que resistem aos máos contactos com as do ouro, e ha-as que se oxydam ao menor bafo atmospherico. Ha ligas que resistem ás altas temperaturas, como as do mesmo ouro, e ha as que fundem dentro d'agua morna, como a de Wood.

É liga fina, de metal nobre, o ministerio, ou simples moeda de zinco e cobre, mero pechisbeque, na eminencia de crear azebre de um momento para o outro?

Isso é importante saber, porque se não resiste a liga da moeda, mal resiste tambem a corôa que lhe serve de carimbo. Era o que succedia aos nossos bons, antigos e sempre leaes patacos.

Esperamos que a liga do ministerio seja de 1.ª qualidade, e que, em todo o caso, não seja de prata. Porque então, — conforme tão lucidamente o expoz a Canovas o sr. José Dias, na memoravel conferencia que com elle houve — visto «*la prata da casa* ser *papiel*», teriamos mais um novo ministerio com mera existencia, para os effeitos da utilidade publica, ... no *Diario do Governo.*

E está provado por innumeras experiencias, que, por si só, a publicação de decretos nomeando novos ministros não salva o paiz. Antes pelo contrario!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Os jantares e *raouts* semanaes da legação da Belgica, que foram interrompidos pela doença de Madame de Veraeghe, recomeçaram, com o mesmo fausto e a mesma animação, na ultima quarta-feira.

A illustre e interessante senhora, que pelas distinctas e encantadoras qualidades do seu trato tantas sympathias tem alcançado na nossa primeira sociedade, inspirou, durante a

sua enfermidade, os mais vivos interesses pela sua saude a todas as pessoas que se honram de frequentar as suas festas.

Entrada apenas em convalescença, Madame de Veraeghe abriu de novo as suas esplendidas salas, e as pessoas que assistiram ao ultimo banquete e estiveram na *soirée* manifestaram-lhe a mais sincera e mais cordeal alegria por a vêr restabelecida. E todas essas demonstrações de respeito e de sympathia merece a illustre diplomata.

Ao jantar assistiram as sr.as:

Marqueza do Fayal, Condessa de Jimenez y Molina, D. Mathilde dos Anjos Pindella, Madame de Rosty e irmã, e os srs. Duque de Palmella, Marquez do Fayal, Conde de Jimenez y Molina, Bernardo de Pindella, Rosty, secretario de Italia e Gaiffier.

Na *soirée* estiveram, além dos convivas do jantar, as sr.as:

Marquezas do Fayal, de Fontes Pereira de Mello, Condessas de Sabugosa, de Gouvêa, da Cunha Mattos, de Villa Real e filhas, de Calhariz de Bemfica, de Valenças e filhas, de Forgach, de Jimenez y Molina, Viscondessa d'Alferrarede, Baroneza de Cottu, D. Grimaneza Vianna de Lima, D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Sousa, D. Maria Josepha da Costa Motta, D. Thereza du Bocage, D. Alice Munró dos Anjos e filhas, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Maria Joaquina d'Ornellas e filhas, D. Maria Penafiel, Madame de Labouliniére, Madame Mathias de Carvalho e filha, D. Elisa Burnay de Verda, M.me Komarow, D. Maria Brandão Pereira Palha, D. Sophia Mozer, M.me Bacherat, etc.

—Para celebrar o jubileo de Sua Santidade Leão XIII, Monsenhor Jacobini, nuncio em Lisboa, offereceu na segunda-feira um lauto jantar, a que assistiram os srs. presidente do conselho, ministros dos negocios estrangeiros e da justiça, ministros da França, de Inglaterra, da Allemanha, da Belgica, d'Austria, os encarregados dos negocios de Hespanha e da Suecia e Noruega, os secretarios da Nunciatura e das respectivas legações e o sr. conselheiro Agostinho d'Ornellas.

Trocaram-se affectuosos brindes do sr. presidente do conselho a Sua Santidade, e do Monsenhor Jacobini a Suas Magestades El-Rei e a Rainha e a toda a familia real portugueza.

— Foi muito concorrido o ultimo *five-o'clock tea* da sr.a D. Anna de Serpa Pimentel.

As pessoas que frequentam as elegantes salas do palacio da Cova da Moura, concorreram á ultima recepção para felicitarem a sr.a D. Anna de Serpa e sua interessante filha, a sr.a D. Luiza, pelo ajuste de casamento d'esta sympathica e distincta senhora com o sr. Vicente de Sousa Brandão.

Estiveram, entre outras, as sr.as:

Marquezas de Fontes Pereira de Mello, de Fontes Pereira de Mello (D. Emilia), Condessas de Thomar e filha, de Valenças e filhas, de Villa Real e filhas, de Lagoaça, de Gogheb, de Almedina e filha, d'Azambuja e filhas, de Seisal, de Cunha Mattos, de Calhariz de Bemfica (D. Izabel), Viscondessas de Benavente, de Sacavem (D. Mathilde), Baroneza da Regaleira, D. Rita de Carvalho e filha, D. Mathilde e D. Emilia Correia Henriques (Seisal), D. Alice Munró dos Anjos e filhas, D. Margarida Chaves dos Santos e Silva, D. Clara Vianna e filha, D. Maria de Penafiel, Madame Komarow, D. Cecilia Batalhoz Ribeiro, D. Alda Vanzeller, Madame de Bacheract, D. Maria Carlota de Sá Pereira e Lencastre, D. Guilhermina Bastos e filhas, Madame de Rosty e irmã, D. Maria Izabel Fernandes O'Neil, D. Cecilia Vanzeller de Castro Pereira, D. Maria Guerra Quaresma Vianna, D. Sophia Castello Branco (Bellas), D. Izabel Reynolds, Madame Alvim e filha, Madame Romero, D. Fernanda Bregaro, D. Marianna Andrade de Castro Guimarães, D. Maria Lima de Sá Pereira, D. Maria de Zea Bermudez Calheiros, Madame Serodio, Mademoiselle Davidson, D. Francisca Meuron d'Araujo e filhas, etc., etc.

— Na quinta-feira, jantar nas salas da legação de França, para o qual o distincto diplomata, Mr. Bilhourd, convidou algumas senhoras e homens da nossa sociedade mais elegante.

Assistiram ao banquete as sr.as:

Condessa de Sabugosa, D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Souza, D. Mathilde Corrêa Henriques, D. Maria Carlota de Sá Pereira de Lencastre, D. Mathilde Anjos de Pindella, D. Emilia Corrêa Henri-

FOLHETIM

Ultima corrida de touros em Salvaterra

O Senhor D. José, primeiro do nome, era em Salvaterra um rei em férias. A verdade é que os maldizentes notavam, em segredo, que Sua Magestade em Lisboa estava sempre ao torno e o marquez de Pombal no throno. O proloquio fundava-se na habilidade mechanica do monarcha como torneiro, e no caracter dominador do marquez como ministro.

Vecejavam os campos em plena primavera. A amendoeira cobria-se de flôres, os bosques enfolhavam-se, as veigas vestiam-se e matisavam-se, e a brisa doudejava indiscreta arregaçando o lenço á donzella que passava, ou roubando um beijo á rosa perfumada. Tudo eram alegrias e canticos... os rouxinoes nas moutas, o coração nos amores, e a natureza nos sorrisos ao sol esplendido que a dourava.

Uma tourada real chamára a côrte a Salvaterra. Os fidalgos respiravam n'estas occasiões menos opprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavalleiros destros, o amphiteatro pomposo, e o cortejo das damas adoravel. O prazer ria na bocca de todos. Por cumulo de venturas o marquez de Pombal ficára em Lisboa, retido pelo conflicto com o embaixador de Hespanha.

Contava-se em segredo nos recantos do palacio o dialogo travado entre o enviado castelhano e o secretario de estado portuguez, louvando-o uns em alta voz, para os echos d'aquellas paredes repetirem o elogio, crucificando-o outros sem piedade, para saciarem os odios. As devotas e os fidalgos puritanos eram pelo hespanhol, e pediam a Deus que os rebates da guerra proxima despenhassem o plebeu nobilitado. Os magistrados e os homens de capa e volta, defendiam o marquez e respondiam com meios sorrisos ás fugosas jaculatorias dos zelosos do throno e do altar. O marquez de Pombal tinha-se negado com firmeza ás concessões exigidas imperiosamente pelo governo castelhano.

— Muito bem, atalhou o embaixador, um exercito de sessenta mil homens entrará em Portugal e fará...

— O quê? perguntara o marquez sorrindo-se com a tremenda luneta assestada e no tom mais indifferente.

— Fará entender a rasão e a justiça de El-Rei, meu amo, a Sua Magestade e a vossa excellencia! redarguiu meia oitava acima o hespanhol, suppondo o minstro fulminado.

Sebastião José de Carvalho franziu as sobrancelhas, carregou a viseira, e cravando a vista e a luneta no diplomata, retorquiu-lhe friamente:

— Sessenta mil homens muita gente é para casa tão pequena, mas, querendo Deus, El-Rei, meu amo e meu senhor, sempre hade achar aonde possa hospedal-a. Mais pequena era Aljubarrota e lá couberam os que D. João de Castella trouxe. Vossa excellencia póde responder isto ao seu governo.

E, levantando-se para despedir o embaixador, accrescentou:

— Bem sabe vossa excellencia que póde tanto cada um em sua casa, que mesmo depois de morto são precisos quatro homens para o tirarem!

ques, Madame de Laboulinière, D. Maria Josepha da Costa Motta, Madame Goschen.

E os srs:

Duque de Palmella, Conde de Sabugosa, Marquez de Pombal, Antonio de Vasconcellos e Souza, Bernardo de PIndella, Carlos Roma du Bocage, Carlos Lobo d'Avila, D. João de Lencastre e Tavora, Mr. de Laboulinière, Mr. Goschen, Costa Motta, Mr. Gaiffier.

— Deve partir hoje para Inglaterra, a bordo do vapor *Trent*, Sir Georges Glyn Petre, illustre ministro que foi da Grã-Bretanha, em Portugal. Lady Petre, que se acha em Cintra, partirá nos primeiros dias de março.

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 26 — As sr.as: Condessa de Belmonte, Viscondessa de Francos, D. Laura Sophia Dias Pereira, D. Maria Izabel da Silva Pereira, D. Marianna Ignacia da Cunha Falcão, D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho.

E os srs.: Conselheiro João Ferraz de Macedo, Jacintho Manuel Freire Torres de Aboim, Jeronymo Pinheiro d'Almeida Camara Manuel, Paulo Portocarrero do Quental, Abilio de Moraes de Carvalho.

Segunda-feira 27 — As sr.as: Baroneza da Regaleira, D. Virginia Amelia Pereira (Santa Rita), D. Maria Carolina de Salles Ribeiro, D. Maria José Miranda Mendonça Arraes Cruz, D. Emilia Sotto Maior Freitas Diniz.

E os srs.: Conselheiro Abel Corrêa de Pinho, José Anastacio de Brito e Mello.

Terça-feira 28 — As sr.as: Marqueza de Fontes Pereira de Mello (Maria Emilia), D. Maria Amalia de Lencastre (Louzã), D. Maria da Conceição Gorjão Henriques de Saldanha (Bahia), D. Maria Romana Batalhoz Vilhena Barbosa, D. Maria Zea Bermudez, D. Maria Romana de Sousa Saldanha, D. Maria Thereza Pereira d'Araujo de Miranda e Castro.

E os srs.: D. Pedro de Vadre Henrique (Andaluz), João Antonio Brissac das Neves Ferreira, Vasco Pedro Saavedra Mousinho da Silveira Canavarro, Carlos Augusto Ernesto Ribeiro.

Quarta-feira 1 — As sr.as: D. Maria Domingas (Belmonte), D. Henriqueta Adelaide Carraire Loring de Castro Guedes, D. Eulalia Duval Telles, D. Maria Augusta de Castro e Lemos, D. Julia Carneiro de Sousa e Castro.

E os srs.: Conselheiro José Julio Raposo de Carvalho, João de Fontes Pereira de Mello Ferreira de Mesquita, Diogo Machado, Maximiano Antonio Telles de Castro, Alberto de Castro Osorio.

Quinta-feira 2 — As sr.as: D. Maria da Purificação Moraes Pinto Vidal, D. Maria Josephina da Fonseca Talone, D. Maria da Piedade Tomasini, D. Maria Henriqueta de Sousa Pizarro, D. Maria José de Noronha, D. Clotilde Tavares Schiappa Pietra, D. Eugenia Godinho Brandão Perestrello.

E os srs.: Augusto Sequeira Lopes, Augusto Ribeiro Neves, Francisco Brandão, Alberto de Sousa e Faro.

Sexta-feira 3 — As sr.as: Viscondessa de Borges de Castro, D. Maria Christina de Campos Valdez, D. Maria José da Silva, D. Elisa de Menezes, D. Virginia Sophia de Mello e Castro Moreira.

E os srs.: Conde de Gouveia, Conselheiro Joaquim Hemeterio Luiz de Sequeira, Luiz Pereira Mousinho de Albuquerque Cotta Falcão, Augusto Cesar de Sá, Alfredo Troni.

Sabbado 4 — As sr.as: D. Maria Carlota de Sá Pereira e Menezes Lencastre, D. Maria Joanna de Chaby, D. Anna Emilia d'Almeida Palmeiro Pinto, D. Marianna Patricio Alvares.

E os srs: Daniel Cordeiro Feio, Dr. Luiz Filippe de Almeida Couceiro Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, Eugenio de Castro, João Soares de Lencastre, Francisco Carlos Botelho Moniz Teixeira.

O embaixador sahiu jurando por *Dios e la Virgen Santisima* e o marquez preparou-se para a guerra. O caso é como dizia o nosso Zeferino na *Sobrinha do Marquez*, que Sebastião José de Carvalho foi um grande ministro e que fez muito pela nação. Hoje ha menos quem responda assim á lettra ás ameaças dos estrangeiros. Berra-se muito, dorme-se a somno solto ao som dos hymnos patrioticos, e depois salva o castello de madrugada e está salva a patria!

O marquez de Pombal presava as artes e protegia e animava as classes medias. Esse pouco, que o reino progrediu deveu-se a elle. Se a industria nunca acabou de sahir da infancia a culpa quasi toda foi dos maus governos que succederam ao seu, e tambem do povo que não quiz trabalhar deveras... Mas vamos aos touros reaes. D'esses é que o ministro não gostava nada. Queria-os ao arado e não á farpa, e parecia-lhe melhor, que os toureadores, sendo fidalgos, servissem o Estado com a penna ou com a espada, e, sendo mechanicos, que lavrassem, tecessem e ganhassem honradamente a vida, enriquecendo-se a si e á nação.

Mas El Rei D. José, cedendo em tudo ao marquez, quanto aos touros não admittia reflexões. N'isto era rei a valer e Bragança legitimo. Os fidalgos sabiam-o e por isso disfructavam dôces prazeres — a satisfação do gosto nacional, e a contradicção da vontade do ministro. Desattendel-a sem perigo e pela mão do soberano era para elles um deleite e um triumpho.

N'estas funcções não vigorava a severidade das ultimas pragmaticas. Outro motivo de jubilo. Quem queria podia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os recamos de oiro, os veludos e sedas de fóra, talhados á franceza, resplandeciam constellados de perolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas côres desenrolavam-se os anneis ondeados das empoadas cabelleiras. As damas ostentavam as graças de seus donaires e tufados, e emoldurando o bello oval dos rostos nos penteados caprichosos sorriam-se para os gentis campeadores, e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os timidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem as musicas. Chegou El-Rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo, e vê-se ondear um oceano de cabeças e de plumas. Na praça resoam brava alegria as trombetas, as charamellas e os timbales. Apparecem os cavalleiros, fidalgos distinctos todos, com o conto das lanças nos estribos e os brazões bordados no veludo das gualdrapas dos cavallos. As plumas dos chapeus debruçam-se em matisados cocares, e as espadas em bainhas lavradas pendem de soberbos talins. Os capinhas e forcados vestem com garbo á castelhana antiga. No semblante de todos brilha o ardor e o enthusiasmo.

REBELLO DA SILVA.

(Continúa).

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

AS DESPEZAS

Uma boa dona de casa deve sempre ter o cuidado de não ultrapassar os seus recursos domesticos, e assim, para saber, ao menor signal de excesso, onde elle existe, cumpre-lhe inscrever todas as despezas, ainda as mais insignificantes.

Nos livros proprios para essa inscripção diaria, deve haver tres columnas, com estes tres titulos distinctos: *Casa, Vestuario, Despezas diversas.* Na columna correspondente á *casa* ficarão minuciosamente descriptas as despezas seguintes: ordenado de creados, salario de operarios, mobilia, jardinagem, cocheira, aluguel, impostos, mantimentos, illuminação, lavadeira, etc., etc. Na columna do *vestuario:* as fazendas, as contas da modista, da costureira, do alfayate, do chapelleiro, do sapateiro, roupa branca, joias, luvas, etc., etc, Na columna das *despezas diversas:* contas do medico, da pharmacia, viagens, estampilhas, theatro, esmolas, e os mil gastos que todos conhecem e que seria longo ennumerar: o papel para cartas, os bilhetes de visita, os livros, etc.

D'este modo, toda a dona de casa póde, cada mez, averiguar o que gastou em sustento, em vestuario, em viagens, em theatros, etc., etc. e, no mez seguinte, poupar em qualquer dos artigos que dispendeu a mais, equilibrando assim as suas finanças.

Ás donas de casa que procedem d'um modo differente do que indicamos succede frequentes vezes comprarem cousas de que não teem necessidade, e deixarem de comprar as que se tornam indispensaveis. Tudo isto resulta da falta de methodo e de ordem.

«O que contribue para as boas finanças d'um paiz e para o progresso da fortuna publica — escrevia o Conde de Riencourt — não é a recusa ás despezas necessarias justificadas por um interesse de primeira ordem, o que constitue o equilibrio das finanças é a ordem e a economia em todos os ramos de serviços.

UMA RECEITA

Limpeza dos tapetes. — Eis algumas das melhores maneiras de limpar os tapetes:

Deite-ce em agua, e conserve-se alli durante meia hora, uma grande porção de semeas. Depois espremam-se bem, com as mãos, até que as semeas fiquem quasi sêccas. Espalhem-se as semeas no tapete, e varra-se em seguida.

Tambem se usa e com bom resultado o emprego de relva humida: todas as nodoas e poeira do tapete cahirão ao varrer, e ficarão as côres mais vivas e brilhantes.

O ammoniaco restaura tambem as côres d'um tapete, dissolvendo-se uma boa colher em quatro litros d'agua.

Ha quem limpe os tapetes, espalhando-lhes fuligem de chaminé. N'este caso, deve lançar-se por cima uma quantidade egual de sal e varrer tudo junto.

Qualquer nodoa de gordura se tira facilmente applicando-lhe uma pasta feita de magnesia calcinada e de benzina, e escovando essa pasta depois de secca. Se a nodoa não desapparecer logo, repita-se a operação.

MODAS

Uma entrevista com Worth.

«Agora não existe a moda,» dizia ha dias o filho do fundador da formosa casa de modas em Paris. «Antigamente, quando tinhamos Côrte, havia senhoras que se punham á frente da moda, e o que ellas uzavam, era logo adoptado na outra sociedade. Agora não ha essas *leaders*, e a moda não parte d'uma fonte revestida d'authoridade. A senhora com pretensões a elegante nos nossos dias, não segue a moda; uza o que lhe agrada, sem lhe importar com os outros. Tambem para a modista estão mudadas as condições. O seu problema agora é vestir a sua freguesa, não segundo um modelo arbitrario, mas estudando-a como um *assumpto*, tendo só em vista o que lhe fica bem.

As senhoras do grande mundo que ainda desejam dirigir a moda, guiam-se, sem dar por isso, pelas mais insignificantes circumstancias

Lembra-me que um anno um fabricante de sedas tinha uma grande porção — nove mil metros — de seda moirée que não podia vender. Pôl'a a meio preço, e comprámos-lhe toda a provisão de que nos servimos para fôrros. Mas logo que se soube que empregavamos essa seda, espalhou-se que o «Moiré estava á moda», e na estação seguinte foi tal o pedido que os fabricantes não poderam suprir o mercado. Desde a Russia até ao Mexico, todas as senhoras tinham um vestido moiré. A esse tempo estavam esgotados os nossos fôros e o mundo elegante não tinha uzado um unico vestido dessa fazenda».

Fez-me isso recordar uma boa anedocta da celebre Rachel. Estando a representar em Lyão, um fabricante pediu-lhe uma audiencia para lhe offerecer uma peça d'uma esplendida seda amarella. Meu rico, exclamou a tragica, o que quer que eu faça com isto? Nunca se viu seda amarella senão n'um mandarim chinez».

Em Paris um vestido amarello era uma impossibilidade. «Senhora», continuou o homem, se acceitar a minha offerta, faz a minha fortuna. «Rachel levou a seda para Paris, contou o caso á sua modista que lhe quiz logo fazer um vestido com a tal seda amarella. Rachel acabou por se convencer, pôz o vestido, causando uma enorme sensação.

No dia seguinte, o vestido amarello de Rachel era o assumpto de todas as conversas, e dias depois fazia-se uma encommenda extraordinaria dessa seda e estava feita a fortuna do pobre mas astuto fabricante.

Worth nada nos poude dizer sobre, o estylo que vae prevalecer; cada casa tem as suas preferencias, mas quanto a toilettes Imperio, a casa Worth já as não faz.

As saias, disse-nos o celébre alfayate, que as fazia agora tocando atraz apenas no chão, e muito largas em baixo. Para ter uma idéa da largura das saias, disse Worth, dir-lhe-hemos que empregámos agora 50 metros n'um vestido!

E as crinolines? Dizem que já um armazem muito conhecido expôz uma?

«Já, disse Worth», é a questão palpitante.

Todos os correios me trazem cartas perguntando a minha opinião. A minha resposta é que *espero que não, que supponho que não.* Ao mesmo tempo póde muito bem ser que a immensa roda das saias exija algum apôio, algumas cousas que as afaste.

GIL-BERTA.

EPHEMERIDES SEMANAES

19 — *Te-Deum* na Sé e na Real Capella das Necessidades, pelo jubileu episcopal de S. S. Leão XIII.

— Recepção na Nunciatura, por egual motivo.

— Reunem no ministerio da marinha, sob a presidencia do ministro d'esta pasta, os pares e deputados açorianos e madeirenses, a fim de assentarem nos elementos do novo contracto de navegação para as ilhas.

20 — Queda do ministerio Dias Ferreira. S. M. El-Rei, encarrega o sr. Hintze Ribeiro de organizar o novo gabinete.

— Jantar de gala na Nunciatura, para solemnisar o jubileu episcopal do papa.

— Chega a Lisboa o novo ministro d'Hespanha, marquez de Bendaña.

— Suicida-se o soldado da municipal Thomaz Ribeiro, auctor do crime dos Covões.

21 — O sr. Hintze Ribeiro tem, ás 11 horas da manhã, a primeira conferencia com S. M. El-Rei para a formação do novo ministerio.

— O tribunal de verificação de poderes approva as eleições dos Olivaes, Ovar, Aveiro e Caldas da Rainha e annulla a de Nova Goa.

22 — Constitue-se o novo ministerio composto dos srs. Hintze Ribeiro

(presidencia e estrangeiros), Franco Castello Branco (reino), Antonio d'Azevedo Castello Branco (justiça), Augusto Fuschini (fazenda), Pimentel Pinto (guerra), Neves Ferreira (marinha e ultramar), e Bernardino Machado (obras publicas).

23 — O *Diario do Governo* publica os decretos exonerando os ministros do gabinete Dias Ferreira e os do gabinete Hintze Ribeiro.

—Apresenta-se na camara dos deputados o novo ministerio, depois de havêr prestado juramento nas mãos de El-Rei.

24 — O sr. conde do Casal Ribeiro pronuncia na camara dos pares um notavel discurso á cêrca do programma do novo ministerio.

25 — Reune o conselho d'estado, aceitando a proposta do governo para addiamento das côrtes até 15 de maio, e a amnistia dos criminosos politicos implicados na revolta do Porto, de 31 de janeiro de 1891.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Os *Huguenotes*, que na quinta-feira se cantaram pela primeira vez na presente epocha lyrica, mereceram os applausos do publico. Não queremos dizer que todos os espectadores ficassem inteiramente satisfeitos com o desempenho geral da opera. Alguns houve, mas em numero insignificante, que lhe notaram defeitos. E succederá sempre assim em todas as cousas do mundo, principalmente desde que se descobriu que o sol, apesar da sua luz e do seu brilho, tambem apresenta manchas. Mas se alguns *dilettanti* mais exigentes e mais intransigentes tiveram que notar uma ou outra falta no conjuncto, o que ninguem contestou, nem poderá contestar, é o irreprehensivel trabalho de Regina Pacini, na parte de *Margarida de Valois*. A este respeito não ha duas opiniões. A ovação enthusiastica com que todo o publico, que enchia a sala, coroou o trabalho da sympathica e insigne *prima-dona*, que, n'ésta opera, arrostou com difficuldades que teem feito succumbir outras artistas de renome, foi deveras merecida e sincera.

O papel de *Valentina* coube á sr.ª Arkel. Artista de raça, dispondo de uma instrucção musical completa e de uma voz agradavel, desempenhou-se perfeitameute em todo o decurso da opera. É possivel que n'um ou outro lance se lhe note menos paixão do que o papel requer, e não tenha os movimentos expressivos que o publico está costumado a vêr nas cantoras italianas; mas só os meticulosos poderão observar essa defficiencia, aliás naturalissima n'uma artista que nasceu mais proximo das neves do polo do que dos ardores do equador. De resto, foi bem, muito bem.

Gabrielesco, na parte de *Raul* confirmou a reputaçao que já adquiriu no nosso theatro lyrico.

O Baixo Rossi, que possue uma bella voz, fez com distincção o papel de *Marcello* e foi muito applaudido na famosa canção do *Pif, paf*.

Para os que mais se deleitam com a vista do que com o ouvido, fez a sr.ª Salvador o papel de *pagem*. Linda, elegante, bem vestida, apenas entrou em scena attrahiu a attenção de todos os binoculos E isto já não é pouco, desde que se considere, como Renan, que a bellesa physica é uma virtude.

Os *Huguenotes* repetiram-se hontem.

Nos outros theatros não se representou peça nova.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

Bolsa semanal de Lisboa

Designação dos valores	*Ultimas cotações anteriores.*	DE 20 A 25 DE FEVEREIRO					
		20	**21**	**22**	**23**	**14**	**25**
Inscripções externas	26.45	26.20	26.	26.	26.50	26.75	26.85
» internas	28.50	28.21					
» » ass.	28.15	29.	28.75	29.	29.	29.	29.50
» » ass.	28.75	28.70	28.65				
» » ass.	28.95						
» » coupon	28.	28.50	28.	28.20		28.75	29.
» » coupon	29.	28.10					28.80
Obrig. do Governo de 1888	12.500		12.500		12.500	12.500	
» » » » 1888 e 1889, ass.	40.500	38.000					
» » » » » » coup.	33.000	33.000		32.800		33.000	
» » » 1890	30.500						
» » » » com gar. dos Tab.	79.900						
» » Banco Nacional Ultramarino	71.000				30.000		
» » » » »	90.000						
» da Comp. das A. de Lisboa, ass.	63.500			61.000			
» » » » » » » coup.	63.000		61.000				
» » » de Fiação de Thomar	74.000						
» » » do Gaz do Porto	67.000				64.000	60.000	
» » » Ger. Cred. Pred., ass.	90.000			90.000			
» » » » » » ass.	87.800		87.500	87.500			
» » » » » » ass.	80.000	80.000		90.000	90.000		90.000
» » » » » » ass.	72.000						
» » » » » » coup.	90.000	89.500					
» » » » » » coup.	87.000						73.000
» » » » » » coup.	69.000						
» Municipaes ou Districtaes	88.000						
» » » » ass.	89.500						
» » » » ass.	83.000						
» » » » coup.	78.500				83.000		
» R. C. F. Atr. d'Africa	39.000		40.000		40.000		39.500
» » » » » Portuguezes	30:000						
ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS:							
Banco Commercial de Lisboa	94.000						
» Lisboa e Açores	92.500	92.000	88.000		87.800		
» de Portugal	106.000	107.000	107.000		107.000		
Companhia das Aguas de Lisboa:	29.50%				61.000		
» do Gaz e Electricidade	27.000						
» Geral do Credito Predial	31.500			31.000	31.000		31.000
» R. Cam. Ferro Portuguezes	16.500			16.500	16.500	16.000	
» dos Tabacos de Portugal	42.500				41.096		
» R. Vinic. do N. de Portugal	90.000						

O TEMPO

ÁS 9 HORAS DA MANHÃ

Dias	Pressão	Temperatura			Evapor.	Ozone	Céo	Mar	Vento
		9 h. m.	Max.	Min.					
18	—	—	14,6	7,0	0,6	2,5	—	—	—
19	765,4	12,3	13,1	10,7	0,7	9,7	Envernado	—	S. S. E. mod.
20	769,1	12,2	14,2	9,8	1,3	6,0	Encoberto	—	S. S. W. f.
21	763,8	14,5	14,9	11,3	1,5	6,8	—	Temporal	S. W. forte
22	763,2	1.20	13,3	10,1	1,8	6,0	M. nub	Agitado	W. moderado
23	756,8	14.1	15,6	11.4	1,7	4.2	—	Lemporal	S. S.W. fr.
24	749,4	12,8	13,8	10,0	1,0	2.8	—	Vaga	S. S. W. fr.
25	757,0	10,6	—	—	—	—	—	Agitado	—
Méd.	757,4	12.4	14,1	10,0	1,1	5,5	—	—	—

BOLETIM OBITUARIO

SEMANA DE 12 DE JANEIRO A 18 DE FEVEREIRO

Causas	1893	1888	1889	1890	1891	1892
Tuberculose — pulmonar	15	17	20	23	17	21
Tuberculose — outras	13	11	13	6	11	14
Lesões do coração	12	19	11	21	22	9
Apoplexia cerebral	10	10	21	17	14	15
Bronchite aguda	15	23	18	30	15	24
Pneumonia aguda	18	30	14	23	25	13
Febre typhoide	1	2	—	—	—	—
Variola	1	12	3	5	17	1
Diphteria	1	1	—	3	1	—
Cancro	3	6	8	3	2	4
Debilidade congenita	3	10	4	8	8	3
Outras causas	42	38	26	30	50	37
Total						
Nascidos mortos	16	16	14	12	26	5

Vaccina animal Suissa do Instituto Lancy-Genève

SOB INSPECÇÃO OFFICIAL

Polpa em placas 450 réis — Vaccina em Agulheiros de 5 tubos cada agulheiro 900 réis — Vende-se sempre fresca na agencia de Th. & U. Albert Deggeller n.º 44 Rua Ivens 1.º.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1